

Mensagem ilusória

2 MAI 1987

JORNAL DE BRASILIA

O rádio e a TV, substituindo gradativa e desastrosamente a imprensa escrita, anunciam o slogan, cheio de beleza e minado pela mentira: 1987, Ano da Esperança e da Constituinte.

A esperança anda se arrastando pelas ruas, na violência, nas inundações, em toda a sorte de desastres, quando não se ergue vacilante, em uma faixa estendida por dois varaus na greve do dia. A Constituinte ocupa nos jornais o espaço que sobra do noticiário policial e o horário nobre nas estações de TV.

Longe de ser animador, o espetáculo cômico. Em uma sala, preparada para a filmagem, aparecem alguns membros da comissão que raramente se reúne: o presidente, relator ou outro designado faz breve exposição do que deverá ser tratado e saem para almoçar. Porque o trabalho das comissões ainda está por ser feito. E, porque as comissões esperam pelas sub-comissões, o plenário aguarda que lhe eviem matéria para debate.

Conseqüentemente, a Câmara e o Senado, onde os Constituinte fazem dublagem, tampouco se reúnem. A Comissão de Sistematização, que fará a redação, não a final, porque ainda depende do plenário, aguarda o momento de entrar em cena. Enquanto os seus ilustres presidente e relator — Afonso Arinos de Melo Franco e Bernardo Cabral — são entrevistados, satisfazem a curiosidade pública e providenciam, prudentemente, a assessoria dos filólogos Antonio Houaiss e Celso Cunha para botarem, em linguagem correta, o futuro texto constitucional.

Para esse triste espetáculo foi o povo convocado às eleições de 15 de novembro do ano que passou e merecia, muito mais, a denominação de Ano da Esperança...

Era preciso uma dose colossal de otimismo ou de ingenuidade, senão a mistura das duas, para um prognóstico diferente da realidade constitucional. Abusou-se da frade mágica *diretas-já* e elegeram-se deputados e senadores de uma Câmara e um Senado que ninguém sabe se existirão na futura Constituição. Elegeram-se governadores, o que serviu para demonstrar a mixórdia em que se constituíram esses partidos políticos de portas de vai-e-vem como os *sallon* das fitas de *bang-bang*.

Quem é quem? A que partido pertencem o governador ou deputado fulano de tal? Porque o passe é livre, como desejariam os jogadores de futebol, sujeitos a contratos e disciplina ignorados pelos partidos.

Elegeram-se pessoas habilitadas à tarefa constituinte pelo saber jurídico ou experiência pública? Ou ganharam a eleição os que manipularam o poder econômico, nas dobradinhas, na panfletagem, senão em outras formas da fraude política?

Esta a triste realidade da Constituinte, sempre postergando o início do seus trabalhos e mais preocupada com o preenchimento do 1.º, 2.º e 3.º escalões do ministério, secretariados e repartições públicas. Denúncia não falta nem nos que saem nem nos que entram. Os recintos mordomiais não chegam a esvaziar porque, a cada multidão que sai sucede a que entra. Esperava-se uma Constituição a 7 de setembro, depois a 15 de novembro. Agora, prometem-na como presente de Natal. Ou será ovo da Páscoa de 1988?

E a Esperança? Fina no coração do povo, que precisa aprender a votar.